

ABORDAGENS DISCURSIVAS DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Adail Sebastião Rodrigues Júnior
Universidade Federal de Ouro Preto
Brasil

adail.sebastiao@terra.com.br

<http://paginas.terra.com.br/educacao/adailjr>

Abstract

The main aim of this essay is to present the discursive approaches to Translation Studies (TS) as a well-established field of inquiry about translation phenomena. The term ‘discourse’ itself, however, has been considered a contentious one given its multitude of uses without a clear conceptualization as to whether its use and application privilege a more linguistic orientation or a more sociologically and culturally trend to the study of language. The essay, therefore, briefly discusses what counts as ‘discursive’ in TS by introducing the reader to the principal theories that advocate an essentially ‘discursive turn’ in orientation. After that, the essay explores in depth Systemic-Functional Linguistics as a foundational approach to the study of translation. Finally, the essay brings in the advantages of such an approach and, in the end, invites TS theoreticians to give special attention to the uses of the term ‘discourse’ within their investigations.

Key words

Translation Studies; Discursive Approaches to Translation Studies; Discourse; Systemic-functional Linguistics.

Sinopse

O objetivo principal deste ensaio é apresentar as abordagens discursivas dos Estudos da Tradução (ET) como um campo de investigação dos fenômenos tradutológicos bem estabelecido. O termo ‘discurso’, no entanto, tem sido visto com um termo polêmico, dados seus múltiplos usos sem uma conceituação clara referente se seu uso e aplicação privilegiam uma orientação mais lingüística ou uma tendência mais sociológica e cultural ao estudo da linguagem. Este ensaio, portanto, ao

introduzir o leitor às principais teorias que advogam uma ‘virada discursiva’ aos ET, discute brevemente o que conta como ‘discursivo’ nesse campo de saber. Em seguida, este ensaio explora em profundidade a Lingüística Sistêmico-Funcional como uma abordagem fundacional para o estudo da tradução e, por fim, apresenta as vantagens dessa abordagem, convidando os teóricos em tradução a darem maior atenção aos usos do termo ‘discurso’ no âmbito de suas perquirições.

Palavras-chave

Estudos da Tradução; Abordagens Discursivas dos Estudos da Tradução; Discurso; Lingüística Sistêmico-funcional.

1. Definindo o escopo das abordagens discursivas da tradução

As décadas de 1970 e 1980 assistiram à influência paulatina da Lingüística Textual sobre os Estudos da Tradução, sobretudo com os trabalhos de House (1977) e Blum-Kulka (1986), aliada ao reconhecimento dos programas acadêmicos de treinamento de tradutores (Venuti, 2000). O principal motivo que levou os estudiosos da tradução a se interessarem por essa vertente “textual” originou-se da busca por soluções de problemas tradutológicos pertinentes à Lingüística, uma vez que o conceito polêmico de “equivalência” na tradução passou, com o trabalho de Nida (1964), a ser visto sob uma ótica “funcional”, isto é, dependente do contexto social e cultural em que se insere. A idéia central que subjaz aos estudos desse teórico é a importância de uma definição funcional para o significado das palavras, visto que estas adquirem sentido quando usadas em contexto numa dada cultura. A concepção de *discurso*, pois, como forma de representação ou textualização de aspectos sociais e culturais pertinentes ao texto original sobre a cultura do texto traduzido havia sido lançada no campo teórico dos Estudos da Tradução.

Somente com o reconhecimento da Análise do Discurso, em meados dos anos 1980, como campo teórico e metodológico de investigação da linguagem em uso e como elemento integrante das relações sociais de uma cultura, é que as abordagens lingüísticas dos Estudos da Tradução direcionam seu foco para análises eminentemente discursivas. Segundo Munday (2001: 89), “enquanto a análise meramente textual se concentra na descrição da forma como os textos se organizam

(estrutura da oração, coesão, etc.), a análise do discurso investiga como a linguagem comunica relações sociais de significado e poder”¹. Embora a diferenciação que Munday faz entre a análise textual e a análise discursiva, aplicadas à tradução, seja relativamente vaga, a própria delimitação dos elementos lingüístico-discursivos investigados por analistas do discurso muito dependerá das bases teórico-metodológicas que eles escolhem em suas pesquisas. Como bem colocam Charaudeau e Maingueneau (2004: 45), em seu *Dicionário de Análise do Discurso*,

[a] análise do discurso, situada no cruzamento das ciências humanas, é muito instável. Há analistas do discurso antes de tudo sociólogos, outros, sobretudo lingüistas, outros, antes de tudo psicólogos. A essas divisões acrescentam-se as divergências entre as múltiplas correntes. Assim, nos Estados Unidos, a análise do discurso é muito marcada pela antropologia. Independentemente das preferências pessoais deste ou daquele pesquisador, existem afinidades naturais entre certas ciências sociais e certas disciplinas da análise do discurso: entre as que trabalham com as mídias e a sociologia ou a psicologia social, entre as que estudam as conversações e a antropologia, entre as que estudam os discursos constituintes e a história ou a filosofia etc. (Sublinhados meus)

Curioso, porém, é o fato de Hatim e Munday (2004: 8) apresentarem os desenvolvimentos teóricos e metodológicos dos Estudos da Tradução de maneira interdisciplinar, incluindo a vertente da análise do discurso aplicada à tradução no âmbito das investigações da Lingüística, em paralelo à lingüística textual, à lingüística contrastiva, à lingüística de corpus, à lingüística cognitivista, à sociolingüística, à pragmática e à semântica. Parece-me, pois, que Munday (Hatim e Munday, 2004) revisitou sua definição expressa em Munday (2001: 89), fazendo a distinção entre a análise do discurso aplicada à tradução, preocupada, sobretudo, com as construções lingüístico-discursivas de textos originais e de traduções, e a análise do discurso de base crítica (Chouliaraki e Fairclough, 1999; Pedro, 1997; van Dijk, 1998; entre outros), cuja teoria se preocupa não somente com os aspectos discursivos de organização e produção textual, mas, especialmente, com as relações de poder e as ideologias que subjazem aos textos, sejam estes originais ou traduções. No que se segue, portanto, apresento uma resenha dos principais trabalhos em tradução de base discursiva, com o objetivo principal de situar o escopo dessa vertente no campo

¹Minha tradução de :... while text analysis normally concentrates on describing the way in which texts are organized (sentence structure, cohesion, etc.), discourse analysis looks at the way language communicates meaning and social and power relations.

teórico dos Estudos da Tradução e, especialmente, apresentar essas abordagens para o leitor de língua portuguesa.

2. Modelos e pesquisas em tradução de base discursiva

O modelo discursivo de House (1977, 1997) para a investigação de traduções é legatário da teoria Sistêmico-Funcional de Halliday, embora House apresente, em seu modelo, uma variedade de abordagens e, conseqüentemente, de conceitos e terminologias que, *a priori*, tornam sua abordagem complexa. Quanto a este fato, assim se expressa a própria teórica num artigo em que ela revisita sua abordagem (House, 2001: 134):

Enquanto o modelo funcional para tradução apresentado em House (1977, 1997) seja principalmente baseado na teoria sistêmico-funcional Hallidayana, tal modelo igualmente se sustenta, de maneira eclética, nas idéias da escola de Praga (...), na teoria dos atos de fala, na pragmática, na análise do discurso e nas distinções, baseadas em corpus, entre linguagem oral e escrita. O modelo original também adapta o esquema com base em registro de Crystal e Davy (1969) para análise estilística contrastiva².

Enfatizando suas análises na relação comparativa entre texto de partida (TP) e texto de chegada (TC), House tenciona desenvolver um modelo de avaliação da qualidade de traduções, salientando possíveis ‘erros’ de interpretação. Sustentando-se na análise de registro de Halliday (1978), House desenvolve um modelo que situa o TP em seu contexto de situação (da cultura de onde se origina), acrescentando a essa análise uma perspectiva ideacional e interpessoal, a fim de estabelecer que papel ‘funcional’ o TP exerce em seu contexto de cultura. A mesma metodologia é aplicada ao TC, ressaltando que House propõe uma comparação entre TP e TC, apontando possíveis inviabilidades ou ‘erros’ na tradução em relação ao registro do TP e sua transferência para o contexto de situação e de cultura do TC. Assim, a proposta de House tem como foco a análise do registro do texto original e do texto traduzido, extraindo dessa relação uma avaliação da qualidade da tradução.

A partir do modelo exposto, House (1997) estabelece duas definições para a tradução: (i) “tradução explícita” (*overt translation*), ou tradução que não tenciona

² Minha tradução de: “While the functional model for translation provided by House (1977, 1997) is mainly based on Hallidayan systemic-functional theory, it also draws eclectically on Prague school ideas (...), speech act theory, pragmatics, discourse analysis and corpus-based distinctions between spoken and written language. The original model also adapted Crystal and Davy's (1969) register based schema for contrastive stylistic analysis”.

assemelhar-se ao texto original, mas que possibilita ao leitor da tradução identificar os traços culturais e discursivos expressos no texto original, e (ii) “tradução implícita” (*covert translation*), ou tradução que expressa o mesmo *status* do texto original em seu contexto de cultura, recriando, reproduzindo e representando no texto traduzido os traços funcionais que o texto original possui. Munday (2001) argumenta que House encontra dificuldade em demonstrar que a relação entre tradução explícita e implícita não é vista como um par binário em oposição. Para Munday, essa relação apresenta problemas de interpretação das funções dos originais e suas representações nos textos traduzidos, principalmente quando existem incompatibilidades culturais entre os contextos de cultura do TP e do TC.

Outro estudo influente na área é o de Blum-Kulka (1986). Neste artigo, a autora apresenta uma abordagem que investiga a “explicitação” das relações semânticas do texto original no texto traduzido, com base em teorias dos estudos discursivos, sobretudo a coesão. A abordagem discursiva de Blum-Kulka se sustenta numa tendência textual que investiga as relações semânticas do texto original e do texto traduzido, além de propor uma abordagem cognitivista que analisa padrões de leitura e processamento textual da parte da recepção de textos traduzidos. Nas palavras dessa teórica, “eu advogo a favor de uma abordagem psicolinguística para o estudo dos efeitos da tradução. Somente tal abordagem (...) pode validar ou refutar apelos por mudanças de significado em traduções”³ (Blum-Kulka, 1986: 34). Partindo dessa abordagem textual, a autora compara as estruturas coesivas do texto original e as possíveis “mudanças” (*shifts*) que comumente ocorrem na tradução dessas estruturas. Essa teórica afirma que as mudanças coesivas no texto traduzido se dão basicamente por dois motivos: (i) como resultado de preferências estilísticas e linguísticas, relacionadas ao registro do texto traduzido, e/ou (ii) como evidência do fenômeno de “explicitação” (*explicitation*), ou aumento das relações semânticas no texto traduzido ao compará-lo com o texto original, comum ao processo tradutório. Com base na segunda tendência, Blum-Kulka salienta que as mudanças na coerência do texto traduzido ocorrem por duas razões: (i) falhas de interpretação do leitor do texto traduzido, pelo desconhecimento das pressuposições culturais compartilhadas entre autor e leitores da cultura de partida, e/ou (ii) falhas de interpretação do tradutor,

³ Minha tradução de: “*I advocate a psycholinguistic approach to the study of translation effects. Only such an approach (...) can validate or refute claims pertaining to shifts of meaning through translation*”.

durante o processo tradutório, acerca dos significados implícitos do texto original. Em virtude disso, Blum-Kulka finaliza seu artigo, como dito anteriormente, em defesa de uma abordagem psicolinguística, de base contrastiva, para a investigação do processo tradutório e seus efeitos de recepção.

Como se percebe, Blum-Kulka mescla em seu artigo aspectos teóricos e aplicados tanto de uma dimensão textual de análise comparativa de textos originais e traduzidos quanto de uma dimensão empírico-cognitivista de investigação do processo tradutório. Seu estudo, pois, tornou-se o leitmotiv que diferencia pesquisas tradutológicas que privilegiam os aspectos discursivos do fenômeno tradutório daquelas que se preocupam eminentemente com o processo da tradução.

Outro estudo bastante influente entre os teóricos da tradução é o de Mona Baker (1992). Nesta obra, Baker faz uma resenha das principais aplicações linguísticas à tradução que emergiram como teorias e métodos discursivos ao final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Nos três primeiros capítulos de seu livro, a autora discute o conceito de equivalência em três níveis: o lexical, o colocacional e o gramatical, explorando os significados semânticos que permeiam essas três categorias. Nos capítulos 5 e 6, Baker se sustenta na abordagem Sistêmico-Funcional hallidayana para investigar as relações textuais de equivalência, com ênfase quase que exclusiva nas relações de tema e rema (*theme/rheme*) aplicadas à tradução e nos recursos coesivos (referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical) desenvolvidos no modelo de análise textual inaugurado por Halliday e Hasan (1976). Na última parte de seu livro-texto, Baker se dedica ao estudo das relações pragmáticas do texto original e sua(s) tradução(ões), tendo como base teórica e analítica os aspectos intencionais da linguagem, as pressuposições, a coerência, as máximas conversacionais de H. Paul Grice (1975), entre outras. Na verdade, a importância do trabalho de Baker (1992: 4) é sua preocupação em esclarecer que

quase todo aspecto de vida em geral e da interação entre comunidades de fala em particular podem ser considerados relevantes para a tradução, uma disciplina que deve se preocupar com as formas de produção de significado dentro dos e entre os vários grupos sociais em variados contextos culturais (minha tradução)⁴.

⁴ Minha tradução de: “[a]lmost every aspect of life in general and of the interaction between speech communities in particular can be considered relevant to translation, a discipline which has to concern itself with how meaning is generated within and between various groups of people in various cultural settings.”

Por fim, outro modelo discursivo aplicado à tradução é o de Hatim e Mason (1990, 1997). Embora estes autores atentem para a dimensão “semiótica” das relações entre texto original e traduzido, ou seja, uma dimensão que sistematiza a interação dos variados elementos discursivos em termos de ‘signos’ (Hatim e Mason, 1990), a perspectiva teórica apresentada por eles não oferece uma base ou modelo facilmente aplicável à análise de traduções. Sem dúvida, a noção de semiose no trabalho de Hatim e Mason emerge da teoria semiótico-discursiva do semioticista e analista crítico do discurso Gunther Kress (1989), quando este teórico acrescenta à noção de *semiótica social* de Halliday (1978) a concepção de discurso desenvolvida por Foucault (1971). Em sua obra *Linguistic Processes in Sociocultural Practice*, Kress (1989) desenvolve o conceito de representação social como um processo de materialização de signos que formam redes discursivas de significação de determinadas instituições. Com efeito, Hatim e Mason ampliam o escopo de suas análises lingüísticas até atingirem a esfera do “discurso”, pontuando a importância de se entenderem os processos ideológicos circunscritos no âmbito das práticas tradutológicas.

Ademais, Hatim e Mason (1990, 1997) privilegiam as funções ideacional e interpessoal da teoria Sistêmico-Funcional, sobretudo o conceito de “significado potencial” (*meaning potential*) explorado por Halliday (1978), por meio do qual há uma valorização do ambiente semiótico em detrimento do textual. Esses teóricos, por exemplo, sublinham que mudanças na estrutura de transitividade do texto original para o texto traduzido podem causar diferenças de representação na tradução, da mesma forma que mudanças da estrutura de modalidade entre originais e traduções, dentro da função interpessoal, podem causar falhas de interpretação da parte da comunidade-leitora do texto traduzido. Percebe-se que a abordagem de Hatim e Mason parece requerer uma investigação da recepção de traduções em suas culturas de chegada, uma vez que busca analisar *falhas de interpretação* da comunidade-leitora do texto traduzido.

Como visto até aqui, o modelo discursivo que mais tem influenciado os Estudos da Tradução é a Lingüística Sistêmico-Funcional (doravante, LSF) de Michael Alexander Kirkwood Halliday (cf. Munday, 2001). No entanto, parece-me que a maioria das pesquisas na interface entre tradução e sistêmica não tem se preocupado em apresentar uma *descrição epistemológica* satisfatória do modelo hallidayano que dissipe as dúvidas que esta teoria pode gerar quando da sua aplicação

em questões tradutológicas. Munday (2001), em seu livro *Introducing Translation Studies: theories and applications*, afirma que “a gramática de Halliday é extremamente complexa”⁵ (p.91), o que justifica sua iniciativa de apenas resenhar, simplificada, algumas pesquisas em tradução que tenham como base a teoria hallidayana.

Quando falo de *descrição epistemológica*, refiro-me à natureza, variedade, origem, objeto de análise e limites da teoria Sistêmico-Funcional, com o objetivo de explorar a noção de discurso aplicado aos Estudos da Tradução de base sistêmica. É importante salientar que a Linguística Sistêmica (*Systemic Linguistics*) declara-se uma abordagem “funcionalista” por tentar combinar informações estruturais da língua com fatores sociais e culturais de uma dada cultura e, em tradução, de culturas distintas. Conforme Trask (2004: 184),

os adeptos da [Linguística Sistêmica] fazem o tempo todo estas perguntas: O que é que a pessoa que escreve, ou fala, está tentando fazer? De que mecanismos lingüísticos poderia valer-se para fazer isso, e com base em que faz suas escolhas?

A LSF remonta à década de 1960, especialmente aos trabalhos do lingüista e semiótico Michael Alexander Kirkwood Halliday, seu fundador. A teoria sistêmica de Halliday foi influenciada pelo trinômio epistemológico dos estudos de Malinowski – Firth – Whorf. O antropólogo Malinowski (1923) influenciou Halliday ao afirmar, com base em sua pesquisa nas ilhas Trobriand, na Polinésia, que termos lingüísticos específicos de uma determinada cultura não podem ser *traduzidos* sem se levarem em conta os aspectos sociais e culturais daquela comunidade. A partir disso, Halliday percebeu que a linguagem não é um sistema auto-suficiente, mas dependente do contexto em que é usada.

As contribuições dos estudos do gramático Whorf (1956) à teoria hallidayana recaem sobre a própria linguagem, uma vez que Whorf, contrariamente a Malinowski, e a partir de seus estudos gramaticais, privilegiava a linguagem como elemento essencial de ordenação e organização social. Neste sentido, Halliday conclui que a gramática é fundamental para se entender os níveis mais amplos da estrutura social. Contudo, Halliday afirma, influenciado por Malinowski, que uma gramática que dê conta de representar o social e, ao mesmo tempo, constituí-lo, deve ser funcional em

⁵ Minha tradução de: *Halliday's grammar is extremely complex.*

sua base. Neste ponto, Halliday percebe a importância dos trabalhos do lingüista Firth (1957) às suas perquirições. Firth, sustentando-se em Malinowski, elege, como ponto de vista de suas análises, o eixo paradigmático enquanto instância sistêmica de uma determinada língua que confere múltiplas escolhas aos seus usuários para a representação de realidades de mundo por intermédio da linguagem. Para levar a cabo suas investigações, Firth acrescenta ao conceito de “contexto de situação” de Malinowski, ou seja, a visão de que a linguagem, para significar, depende do contexto em que é usada, a noção de “sistema” – conjunto de possibilidades de uso da linguagem.

Em virtude dessas colocações, descrevo epistemologicamente a LSF para, em seguida, apresentar algumas pesquisas em tradução de base eminentemente sistêmica.

3. O modelo teórico da Lingüística Sistêmico-Funcional

A base teórica da teoria Sistêmico-Funcional hallidayana remonta ao *Cours de linguistique générale*, de Ferdinand de Saussure (1916), de cuja obra Halliday (1978) extrai a noção de dimensão “sintagmática” e “paradigmática” que inspira sua teoria. Enquanto que para Saussure o eixo sintagmático se posiciona na horizontalidade da oração gramatical, dado que as palavras se estruturam em seqüências, e o eixo paradigmático reflete as escolhas lexicais do usuário da língua, para Halliday (1978; 1985; 1994; Halliday e Matthiessen, 2004) a relação sintagmática é mormente vista como uma “cadeia” (*chain*) que estrutura a oração, ao passo que a relação paradigmática é interpretada como “escolhas” (*choices*) que o usuário da língua executa com base num “sistema” (*system*) amplo e abstrato de opções léxico-gramaticais. Segundo Halliday (1978, 1985, 1994), a teoria que subjaz à sua é conhecida como teoria ‘sistêmica’, ou seja, uma teoria de significados como escolhas, por meio da qual uma língua, ou qualquer outro sistema semiótico, seja interpretada como uma cadeia de opções que se imbricam.

Em virtude desses apontamentos, Halliday (1978) adiciona às relações sintagmáticas e paradigmáticas de Saussure a noção de “sistema” originária de Firth (1957). Este teórico vê o fenômeno lingüístico aliado ao contexto de uso da língua, ao passo que Saussure (1916) privilegia sobretudo a *langue*, ou seja, conjunto de signos da língua ou sistema lingüístico abstrato partilhado pelos falantes de uma língua, em detrimento da *parole*, isto é, atos específicos de comunicação lingüística

ou enunciados reais produzidos por falantes em situações reais. Neste sentido, Firth (1957) se preocupou em explorar o papel do indivíduo como membro da sociedade, dando ênfase ao modelo tripartite homem-natureza-linguagem.

Seguindo a linha de raciocínio de Firth, Halliday (Halliday e Hasan, 1985) igualmente sustenta sua teoria Sistêmico-Funcional nos estudos do antropólogo polonês Bronislaw Malinowski (1923), quando este teórico cunha o termo “contexto de situação”. A idéia central que está por trás dessa noção é o fato de que para compreendermos um enunciado, há que se conhecer não apenas os significados literais das palavras, mas, sobretudo, o contexto social donde o enunciado surgiu. Ou seja, “significados culturais emergem do entendimento de como os indivíduos *usam* sua língua natural”⁶ (Spradley, 1979: 82, itálico no original). O antropólogo suíço Dan Sperber (1992: 25) esclarece bem essa questão:

Se definirmos ‘significação’ de uma maneira precisa, como em lingüística, os factos de significação estão, com certeza, omnipresentes na cultura, mas nunca isolados: entrelaçam-se com, por exemplo, os factos ecológicos e psicológicos duma outra natureza.

Noutras palavras, a constituição de significados por meio do uso da linguagem em contexto faz emergir as representações de mundo que os usuários da língua constroem ao interagirem uns com os outros em determinadas situações sociais.

A fim de descrever essa rede complexa de relações sociais, Halliday (Halliday e Hasan, 1985) aplica a noção de “contexto de situação” à análise discursiva de textos escritos ou falados⁷, esclarecendo que textos são, na verdade, a realização ou materialização do sistema semiótico de um determinado contexto social. Na tentativa de interpretar o contexto social donde o processo comunicativo se origina, Halliday (Halliday e Hasan, 1985) explora o termo “contexto de cultura”, também desenvolvido por Malinowski, com o fito de ampliar a noção de “contexto de situação”. À primeira noção (contexto de cultura), Halliday alia o conceito de “gênero”; à segunda noção (contexto de situação), ele associa a definição de “registro”.

⁷ Minha tradução de: *Cultural meaning emerges from understanding how people use their ordinary language.*

⁷ Para Halliday (Halliday e Hasan, 1985: 10), “qualquer instância de linguagem em uso que exerça papel significativo em um determinado contexto de situação é, por este motivo, denominada texto” (minha tradução). Adoto esta definição para fins de clareza do termo.

Nessa perspectiva, gêneros são processos sociais com objetivos específicos, englobando desde rotinas diárias que os usuários da língua executam (compras, trabalho, entre outras) até formas particulares de vida social (ir à igreja, assistir à TV, entre outras). De igual modo, Halliday também inclui nessa categoria os gêneros típicos da área educacional, tais como, aulas expositivas, narrações, palestras, entre outras. O importante é esclarecer que esses gêneros possuem suas estruturas distintas, dado o propósito social que exercem em cada cultura. Com efeito, os gêneros ocorrem em situações específicas, com características igualmente específicas. Essas “situações específicas” formam o “contexto de situação” cunhado por Malinowski (1923) e associado ao “registro”.

O registro ganha características discursivas conforme variações contextuais expressas por intermédio do “campo” (*field*), das “relações” (*tenor*) e do “modo” (*mode*)⁸. O campo, para Halliday, se refere ao que ocorre num determinado contexto de situação, à natureza da ação social em andamento e às atividades ou práticas sociais que os participantes da ação desempenham; as relações se referem à interação dos participantes da ação, seus papéis sociais e suas hierarquias; por fim, o modo expressa a função da linguagem na constituição de significados no contexto de situação, a organização simbólica dos textos, o canal lingüístico utilizado (oral, escrito, semiótico, etc.) e como os participantes usam a linguagem para fins de significação.

Egins (2004) esclarece que dois aspectos notórios da teoria Sistêmico-Funcional que a diferenciam das outras abordagens funcionais da linguagem são (i) o fato de que aquela busca desenvolver uma teoria acerca da linguagem enquanto processo social e (ii) o fato de que tenciona apresentar uma metodologia analítica que permita descrever detalhadamente a sistemática das estruturas da linguagem em uso. Com base nessas premissas, Halliday (1978, 1985, 1994) apresenta três grandes categorias léxico-gramaticais, ou melhor, meta-funções, que representam como os indivíduos usam a linguagem, aproximando suas análises do campo léxico-gramatical,

⁸ Adoto, neste ensaio, as traduções dos termos da teoria Sistêmico-Funcional hallidayana aprovadas pela Equipe de Investigação da FLUL, da Universidade de Lisboa, e do Projecto Direct da PUC/SP, participantes integrantes de uma lista de discussão cuja proposta é traduzir para o português a Gramática Sistêmico-Funcional de 1994. Para acesso à lista e maiores informações, ver <http://lael.pucsp.br/sistemica/>.

na tentativa de estabelecer critérios semânticos de investigação mais detalhada da linguagem.

Neste sentido, Halliday (1978, 1994) direciona o vetor do campo, das relações e do modo (contexto de situação) para a esfera semântica, apresentando três meta-funções da linguagem que se relacionam diretamente com este contexto de situação. A primeira, “meta-função ideacional” (*ideational metafunction*), está vinculada à variável de campo do registro, materializando as experiências de mundo dos usuários da língua, inclusive suas sensações, pensamentos, atos, comportamentos, etc., e como essas experiências são realizadas pelas relações lógicas das orações. A segunda, “meta-função interpessoal” (*interpersonal metafunction*), vincula-se à variável das relações do registro, materializando as interações sociais dos usuários da língua, bem como suas opiniões pessoais e avaliações. A terceira e última, “meta-função textual” (*textual metafunction*), está ligada ao modo pelo qual os usuários da língua organizam suas mensagens com vistas a se relacionarem com as outras mensagens com as quais lidam em seus cotidianos sociais. No dizer de Halliday (1994: xiii),

(...) os componentes fundamentais do significado na linguagem são componentes funcionais. Todas as línguas se organizam de acordo com dois tipos principais de significado: o ‘ideacional’, ou reflexivo, e o ‘interpessoal’, ou ativo. Esses componentes, denominados ‘meta-funções’ (...), são a manifestação, no sistema lingüístico, dos dois propósitos gerais que subjazem a todas as formas de uso da linguagem: (i) compreender o ambiente que a cerca (ideacional) e (ii) exercer ações sobre os outros nesse ambiente (interpessoal). Aliada a essas duas meta-funções, há uma terceira, denominada ‘textual’, a qual confere relevância às outras duas⁹.

Estratificando ainda mais suas análises, Halliday (1985, 1994; Halliday e Matthiessen, 2004) atinge a esfera léxico-gramatical da estrutura lingüística, asseverando que os significados ideacionais se realizam na dinâmica da língua por meio do sistema de “transitividade” (*transitivity*), modelando as experiências de mundo no entorno de participantes, processos e circunstâncias. Os significados interpessoais, por seu turno, realizam-se léxico-gramaticalmente nos sistemas de

⁹ Minha tradução de: (...) *the fundamental components of meaning in language are functional components. All languages are organized around two main kinds of meaning, the ‘ideational’ or reflective, and the ‘interpersonal’ or active. These components, called ‘metafunctions’ (...), are the manifestation in the linguistic system of the two very general purposes which underlie all uses of language: (i) to understand the environment (ideational), and (ii) to act on the others in it (interpersonal). Combined with these is a third metafunctional component, the ‘textual’, which breathes relevance into the other two.*

“modo oracional” (*mood*) e “modalidade” (*modality*), em cuja estrutura as trocas lingüísticas ocorrem entre interactantes por meio de posições ou papéis sociais expressos em suas mensagens, sejam estas orais ou escritas. Finalmente, os significados textuais se realizam através de relações de “tema e rema” (*theme/rheme*) que expressam as informações ideacionais e interpessoais presentes na esfera léxico-gramatical da língua.

Para Halliday (1985, 1994; Halliday e Matthiessen, 2004), as esferas léxico-gramatical e semântica da linguagem representam o conteúdo desta última expandido em estratos. De acordo com o papel que a linguagem exerce em cada estrato, nós, como usuários da língua, damos sentido ao conteúdo discursivo de nossas experiências de mundo e sustentamos nossas interações com outros interlocutores. Neste sentido, os *significados potenciais*¹⁰ originários do contexto de cultura do qual fazemos parte são transformados em significado semântico e, seqüencialmente, transformados em realizações lingüísticas no estrato da léxico-gramática, isto é, onde nossas experiências de mundo e interações com outros interactantes são realizadas discursivamente.

Todo esse complexo sistêmico e funcional da teoria Sistêmico-Funcional pode ser visto tridimensionalmente na Figura 1, inspirada em Halliday e Matthiessen (2004: 25):

¹⁰ Halliday (1973: 72-4) define *significado potencial* como um conjunto de opções, ou alternativas, de significados (semânticos) do sistema da língua disponíveis aos falantes/escritores ou ouvintes/leitores. Para Halliday, o contexto de cultura define o significado potencial da linguagem à medida que esta é usada em registros diferenciados por falantes ou escritores. Assim, em determinados registros, ou variedades funcionais da linguagem, a probabilidade de certas expressões ocorrerem em detrimento de outras depende da situação em que são utilizadas e da cultura que elas representam. Portanto, o significado potencial é, na verdade, a potencialidade de uso de determinadas escolhas lingüísticas submissas ao registro em que são usadas.

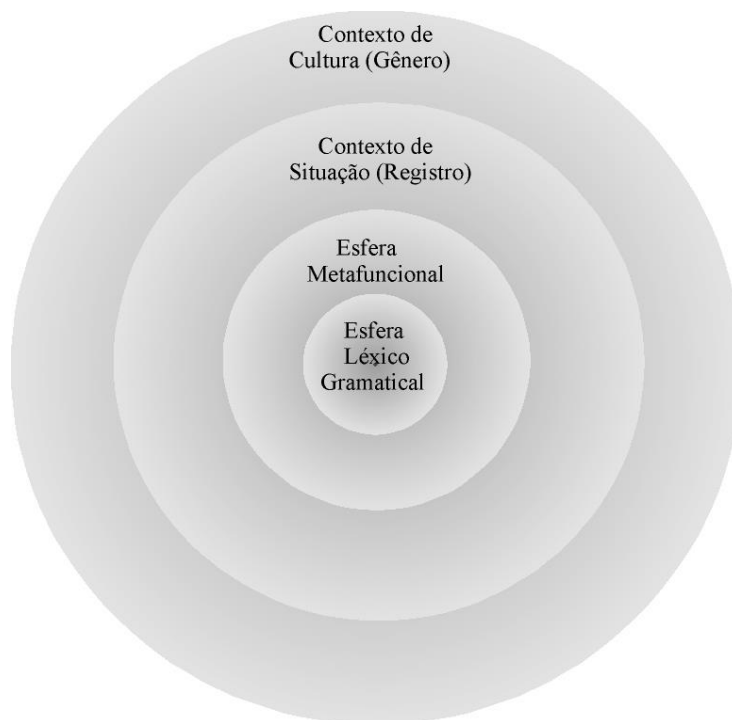


Figura 1: Complexo Sistêmico-Funcional de M. A. K. Halliday

Com base na Figura 1, torna-se possível vislumbrar toda a ordem paradigmática da linguagem em uso como se vista da parte superior de um funil. O ângulo de dimensão mais ampla seria o contexto de cultura, englobando o contexto de situação, as meta-funções e, por fim, o ângulo de dimensão mais densa, isto é, o sistema léxico-gramatical da linguagem. O ângulo de dimensão mais ampla aglutina o que ocorre “fora da linguagem” (Halliday e Matthiessen, 2004: 24). Ao passar do ângulo do contexto de cultura para o ângulo do contexto de situação (registro), o *significado potencial* do sistema lingüístico da língua se realiza por meio de uma “variedade funcional da linguagem” (Halliday e Matthiessen, 2004: 27) própria a cada tipo de situação em que a língua se acondiciona para realizar significados. Esses significados são reconhecidos discursivamente a partir de suas realizações na esfera léxico-gramatical da língua, por meio da qual modelamos nossas experiências de mundo (meta-função ideacional), interagimos com nossos interlocutores (meta-função interpessoal) e materializamos nossas experiências e interações por meio dos textos que produzimos (meta-função textual). Essa esfera caracteriza-se como “densa” pelo fato de representar a língua em uso em orações, no sentido de estratificar mais ainda as características do sistema lingüístico em realizações lógico-semânticas, típicas da estrutura gramatical e discursiva de cada língua, através de grupos nominais e grupos verbais, caracterizando-se, portanto, como a “ordem sintagmática” da língua (Halliday

e Matthiessen, 2004: 20). Daí depreende-se que a cultura tanto constitui ou determina as escolhas léxico-gramaticais pertinentes a um determinado contexto de situação, quanto é constituída ou determinada pelas escolhas léxico-gramaticais dos usuários da língua.

É neste sentido que a LSF parte das noções antropológicas de cultura e suas relações com a linguagem, mapeando, desta forma, sua própria epistemologia. Fica clara, portanto, a definição de “realização” (*realization*), conceito-chave para Halliday (1978: 39), em que os fenômenos pertinentes à ordem paradigmática “se realizam” por meio de sua materialização na organização sintagmática da oração. Ou seja, a teoria Sistêmico-Funcional vê o social constituindo o textual e, simultaneamente, sendo constituído por este, ou melhor, por uma ampla rede discursiva que o forma e caracteriza.

4. Abordagens discursivas da Tradução de base eminentemente sistêmico-funcional

Com base nas teorias da LSF aplicadas à tradução, Coulthard (1991) estabelece dois conceitos importantes que influenciaram as abordagens discursivas da tradução no contexto internacional e, sobretudo, brasileiro. São eles: *textualização* e *re-textualização*. Para esse teórico, a *textualização* retrata a noção de que um texto se forma a partir de uma variedade de possíveis textualizações em sua cultura original, privilegiando, sobretudo, o aspecto ideacional da linguagem. Segundo Coulthard, “[d]evemos (...) ver qualquer texto escrito, independentemente do grau de aprovação dos leitores, como uma possível *textualização* da mensagem do autor” (1991: 2). Seguindo essa mesma linha conceitual, Coulthard (1991) apresenta o termo *re-textualização*, no âmbito da tradução, como sendo a transferência de significados ideacionais da cultura de partida para a cultura receptora. O que o autor coloca como ponto central de sua discussão acerca desses termos é que tanto a *textualização* quanto a *re-textualização* são tentativas do autor e do tradutor, respectivamente, em produzir textos tendo em vista seus leitores ideais, os quais, na verdade, são previamente estabelecidos pelo tópico do texto. Segundo Coulthard (1991: 2), “[t]odas as decisões em termos de conteúdo, expressão, seqüência e recursos retóricos são tomadas com referência a este leitor ideal”.

Dois discípulos de Coulthard no Brasil, Professora Rosa Konder e Professor Walter Carlos Costa, ambos da Universidade Federal de Santa Catarina, aplicaram em suas análises alguns aspectos teóricos e metodológicos da LSF hallidayana (Konder, 1991; Costa, 1992). Konder (1991) afirma que a equivalência dos tempos verbais no par lingüístico inglês/português tem sido um problema constante enfrentado por tradutores. Ao classificar, em seu artigo, os tempos verbais em três momentos no tempo, a saber, passado contemporâneo, passado próximo e passado remoto, a autora assevera que o tempo verbal que mais expressa certa dificuldade ao ser traduzido é o Simple Present no inglês e suas possíveis re-textualizações como pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. Além disso, Konder ilustra alguns casos em que igualmente ocorrem esses problemas de equivalência ao analisar os tempos verbais do conto *Eveline*, de James Joyce, e sua tradução feita por Hamilton Trevisan. São eles: (i) uma possibilidade de re-textualização de *was about to* para o tempo verbal pretérito imperfeito e outra como pretérito imperfeito de IR + infinitivo, ao passo que para *was to* houve uma re-textualização para o futuro do pretérito. Para *was going to*, ocorreram duas re-textualizações, uma como futuro do pretérito e outra como futuro do pretérito de IR + infinitivo. O outro caso de re-textualização que Konder salienta, com dezessete ocorrências, foi *would* + infinitivo, com a predominância do futuro do pretérito como escolha de tradução (treze ocorrências), além das formas do pretérito imperfeito (duas ocorrências), do pretérito imperfeito do subjuntivo (uma ocorrência) e sem tradução ou tradução nula (uma ocorrência).

Konder também ressalta que a tradução apresentou algumas mudanças de tempos verbais, fato que sugere, segundo ela, a existência de possíveis dificuldades de re-textualização enfrentadas pelo tradutor. Neste sentido, Konder (1991: 94, ênfase no original) esclarece que “o tradutor tem de, *dentro do contexto*, procurar captar o significado temporal das formas verbais da língua do original para poder efetuar as transposições semanticamente corretas”. Não obstante o trabalho de Konder enfoque, de forma indireta, algumas categorias de transitividade apresentadas pela teoria hallidayana, sua abordagem ainda parece permanecer na descrição pura de fatos lingüísticos da relação original-tradução, sem considerar, a contento, os aspectos semânticos e contextuais dos textos que a autora investigou.

Costa (1992), em sua tese de doutorado intitulada *A Linguistic Approach to the Analysis and Evaluation of Translated Texts*, discute as categorias genéricas de textos originais e traduções a partir da teoria de registro de Halliday (1978) para investigar o

estilo literário de Borges e suas formas textuais híbridas, as quais, muitas vezes, causam problemas no momento da tradução. Costa afirma que as normas genéricas do texto Borgiano são comumente veladas, isto é, encontram-se “por trás” das realizações lingüísticas do texto, fazendo com que tradutores tenham certa dificuldade em identificá-las. Costa assevera que essa dificuldade é oriunda de dois fatores primordiais: (i) as normas genéricas estão longe de serem claras e explícitas e (ii) são semânticas por natureza, aparecendo sob disfarces lingüísticos variados. Costa sublinha que as estruturas genéricas dos textos Borgianos impõem determinados problemas de tradução, pelo fato de Borges não se preocupar em seguir as normas genéricas comuns às prosas e poesias de escritores e escritoras contemporâneos ocidentais. Esse hibridismo estilístico de Borges pode, portanto, causar problemas tradutórios caso o(a) tradutor(a) não leve em consideração as variáveis do registro em que o texto foi produzido e para o qual o texto será re-textualizado.

Costa (1992) igualmente salienta a importância de se considerar o texto traduzido como uma construção textual que detém certa autonomia em relação ao seu equivalente na língua de origem. Segundo Costa (1992: 23), “o plano autônomo do texto traduzido tem a ver com sua qualidade enquanto *texto*, isto é, como as unidades (palavras, orações, parágrafos, capítulos, etc.) são agrupados”¹¹. Compartilho dessa visão, uma vez que considero originais e traduções como textos autônomos, embora interdependentes, dado que ambos veiculam discursos inerentes aos contextos de cultura em que se inserem. O texto traduzido, por sua vez, além de autônomo, representa discursos que se deslocam da cultura do texto original para se assentarem nos discursos da cultura receptora, formando, assim, um hibridismo discursivo capaz de causar mudanças sociais e culturais na cultura do texto traduzido (cf. Rodrigues Júnior, 2004).

Outro estudo pioneiro no Brasil que realiza, por assim dizer, uma descrição mais ampla da teoria Sistêmico-Funcional aplicada à tradução é o de Vasconcellos (1997). Esta teórica aborda questões relativas à Lingüística, como campo de saber, e aos Estudos da Tradução, enquanto campo de constituição de saber e aplicação da LSF como um quadro referencial teórico que relaciona satisfatoriamente discurso e sociedade. A autora salienta que as abordagens lingüísticas da tradução não definem

¹¹ Minha tradução de: ... *the autonomous plane of the translated text has to do with its quality as text, that is, how units (words, clauses, paragraphs, chapters, etc.) are put together.*

ao certo “de que lingüística (...) falam”¹² (1997: 20). Para Vasconcellos, os teóricos da tradução precisam delimitar que perspectiva lingüística eles abordam em suas análises tradutórias, a fim de situar o escopo de suas investigações.

No contexto brasileiro, o trabalho de Vasconcellos (1997) se destaca pelo fato de a autora ter explorado a relação entre a Lingüística e os Estudos da Tradução na tentativa de inserir as teorias de tradução no quadro teórico e metodológico mais amplo da Lingüística Aplicada. Ao identificar a complexidade dessa relação, Vasconcellos (1997) sublinha que as abordagens lingüísticas são usadas e aplicadas num sentido “monolítico”. Ou seja, existe, entre os teóricos da tradução que advogam uma perspectiva lingüística às suas análises, uma redução dessa abordagem a uma perspectiva singular que ignora as características e tendências típicas das investigações da linguagem em uso, sobretudo as relações entre sociedade, cultura, política e linguagem. Percebe-se que a teórica parece destacar a abordagem de Hatim e Mason (1997), que privilegia o semiótico em detrimento do textual, ao passo que problematiza as abordagens lingüísticas que se pautam numa análise meramente textual, circunscrita à descrição de fatos sintagmáticos do texto original e sua tradução.

Por conseguinte, Vasconcellos identifica a necessidade de uma abordagem lingüística para a tradução que não somente privilegie o textual, mas que se preocupe com a constituição de significados expressos no texto e sua relação com os contextos social, cultural e político mais amplos nos quais se insere o texto sob análise. Neste sentido, Vasconcellos explora a teoria Sistêmico-Funcional hallidayana aplicando-a à tradução. Segundo a autora, há sete critérios que identificam na LSF um arcabouço teórico, metodológico e prático para os Estudos da Tradução: (i) a ênfase na análise semântica e não sintática; (ii) o casamento ideal entre gramática e significado; (iii) a análise lingüística de textos como base de construção de significados; (iv) a visão do texto enquanto unidade lingüística fundamental; (v) a observação do papel das estruturas lingüísticas para a elaboração do texto como unidade semântica; (vi) a ênfase no texto como realização de escolhas lingüísticas em meio a uma variedade de escolhas léxico-gramaticais disponíveis; e (vii) a base puramente paradigmática de investigação da linguagem.

¹² Minha tradução de: *Of which linguistics do they speak?*

Dentro dessa perspectiva, Vasconcellos (1997) sublinha o papel central do(a) tradutor(a), uma vez que será ele(a) quem fará as *escolhas* léxico-gramaticais conforme seu conhecimento enciclopédico tanto da cultura de origem, ou cultura do texto original, quanto da cultura receptora, ou cultura do texto traduzido. Vasconcellos, pois, destaca o papel dos significados ideacional e interpessoal na prática tradutória, visto que o(a) tradutor(a) será o(a) mediador(a) entre as duas culturas, decidindo “o *que* e para *quem* re-textualizar”¹³ (1997: 32, *itálicos no original*). Essas reflexões nos remetem aos apontamentos discutidos em seguida.

Em um artigo recente sobre avaliação de traduções sob a ótica do tradutor e do lingüista, Halliday (2001) esclarece que, ao investigarmos traduções, estamos, na verdade, contrastando dois *sistemas*: o da cultura de origem e o da cultura receptora. No entanto, Halliday aponta duas direções distintas entre tradutor e lingüista: enquanto este último vê a tradução como um *sistema*, aquele a interpreta como *instância textual*. Para o tradutor, segundo Halliday, a equivalência tradutória deve ser percebida por meio do texto, ao passo que para o lingüista a equivalência se dá a partir de uma identificação adequada entre os *registros*, ou *subsistemas*, das duas culturas. Mais especificamente, Halliday (2001) afirma que são nos registros das duas culturas que se encontram as partes do sistema (cultural) que lidam com a constituição da *experiência humana* por meio das relações sociais para a criação de *discurso*. Assim, Halliday sublinha a importância de se investigar o *conteúdo ideacional* do texto como produto nos Estudos da Tradução e, sobretudo, o papel do *conteúdo ideacional* na *constituição discursiva* de realidades sociais, culturais e políticas pertinentes a ambas as culturas. Conforme Halliday (1994: xv),

... a análise lingüística pode nos dar condições de afirmar porque o texto é ou não efetivo em seus propósitos – em que aspecto ele é bem sucedido, em que aspecto ele falha ou é menos bem sucedido. Tal objetivo é mais difícil de ser alcançado, uma vez que requer uma interpretação não apenas do texto em si, mas de seu contexto (contexto de situação, contexto de cultura) e da relação sistemática entre texto e contexto¹⁴.

¹³ Minha tradução de: “... *what* and *to whom* to retextualize.”

¹⁴ Minha tradução de: ... *the linguistic analysis may enable one to say why the text is, or not, an effective text for its own purposes - in what respects it succeeds and in what respects it fails, or is less successful. This goal is very much harder to attain. It requires an interpretation not only of the text itself but also of its context (context of situation, context of culture), and of the systematic relationship between context and text.*

Com base nessa premissa, a noção de discurso para análises de textos traduzidos abrange não somente aspectos lingüísticos ou de instância textual, mas, de igual modo, aspectos pertencentes às culturas de ambos os textos – original e tradução –, interpretando textos como produtos lingüísticos dentro de um evento comunicativo (Bloor e Bloor, 1995: 4) e traduções como re-textualizações de textos oriundos de eventos comunicativos distintos.

O que se percebe, pois, nas abordagens discursivas da tradução são aplicações de ferramentas teóricas e metodológicas da LSF em paralelo com ferramentas de análise de outras vertentes da Análise do Discurso, tais como, a pragmática, a sociolingüística interacional, a análise crítica do discurso, entre outras (cf. Baker, 1992; Blum-Kulka, 1986; Fawcett, 1997; Hatim e Mason, 1990, 1997; House, 1977, 1997). Em virtude dessa variedade de olhares e perspectivas analíticas, que muitas vezes causam problemas de aplicação de metodologias para a investigação do fenômeno tradutório, torna-se importante delimitar o campo teórico-metodológico de abordagens tradutológicas que privilegiam o discurso como lócus de análise e fundamentação das perquirições que pesquisadores em tradução realizam.

5. Comentários finais

O objetivo central deste ensaio foi apresentar e mapear as abordagens discursivas dos Estudos da Tradução, na tentativa de incluir, em um único enquadramento histórico e funcional, as discussões que têm sido levantadas nesse campo de investigação. É fato que os teóricos em tradução estão longe de definirem, com clareza suficiente, qual abordagem discursiva se lhes parece mais apropriada às suas perquirições. Talvez isso se dê pela multiplicidade de definições e aplicações do termo *discurso* no âmbito da Análise do Discurso como campo de saber. Segundo Jaworski e Coupland (1999: 3), “[e]mbora as diferenças importantes de ênfase [ao termo], discurso é inevitavelmente um conceito fundamental para se entender a sociedade e as respostas do homem a ela, bem como para se compreender a linguagem em si”¹⁵. As abordagens discursivas aplicadas à tradução, portanto, devem levar em conta não somente os aspectos lingüísticos que fundamentam análises meramente textuais, mas, sobretudo, os impactos entre as culturas dos textos originais e de suas

¹⁵ Minha tradução de: *Despite important differences of emphasis, discourse is an inescapably important concept for understanding society and human responses to it, as well as understanding language itself.*

traduções, como também a constituição de significados sociais e culturais que esses impactos frequentemente causam. Neste sentido, a LSF revela-se bastante útil para mapear os elementos lingüísticos dos originais e seus equivalentes nas traduções, a fim de interligá-los a contextos de cultura mais amplos, por meio dos registros aos quais estejam vinculados.

6. Referências

- BAKER, M. *In Other Words*. London e New York: Routledge, 1992.
- BLOOR, T. e BLOOR, M. *The Functional Analysis of English: a Hallidayan approach*. London e New York: Arnold, 1995.
- BLUM-KULKA, S., “Shifts of Cohesion and Coherence in Translation”. In: HOUSE, J. e BLUM-KULKA, S. (eds.). *Interlingual and Intercultural Communication*. Tübingen: Narr, 1986. p.17-35.
- CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHOULIARAKI, L. e FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COSTA, W. C. *A Linguistic Approach to the Analysis and Evaluation of Translated Texts: with special reference to selected texts by J. L. Borges*. Tese de Doutorado não publicada. School of English, Faculty of Arts: University of Birmingham, 1992.
- COULTHARD, M. “A Tradução e seus Problemas”. In: COULTHARD, M. e CALDAS-COULTHARD, C. R. (orgs.). *Tradução: teoria e prática*. Santa Catarina: Editora da UFSC, 1991. p. 1-16.
- CRYSTAL, D., DAVY, D. *Investigating English Style*. London: Longman, 1969.
- De SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1916.
- EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. 2 ed. London e New York: Continuum, 2004.
- FAWCETT, P. *Translation and Language: linguistic theories explained*. Manchester: St. Jerome, 1997.
- FIRTH, J. R. *Papers in Linguistics 1934-1951*. London: Oxford University Press, 1957.
- FOUCAULT, M. *L'ordre du Discours*. Paris: Éditions Gallimard, 1971.
- GRICE, H. P. “Logic and Conversation”. In: COLE, P. e MORGAN, J. (eds.). *Syntax and Semantics 3: speech acts*. New York: Academic Press, 1975.
- HALLIDAY, M. A. K. “Towards a Theory of Good Translation.” In: In: STEINER, E. e YALLOP, C. (eds.). *Exploring Translation and Multilingual Text Production: beyond content*. Berlin e New York: Mouton de Gruyter, 2001. p.13-18.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 2 ed. London e New York: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London e New York: Edward Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

- HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. *Language, Text and Context*. Geelong, Victoria: Deakin University Press, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. e MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. 3 ed. UK: Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K. *Exploration in the Functions of Language*. London: Edward Arnold, 1973.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic*. London e New York: Arnold, 1978.
- HATIM, B. e MASON, I. *Discourse and the Translation*. London e New York: Longman, 1990.
- HATIM, B. e MASON, I. *The Translator as Communicator*. London e New York: Routledge, 1997.
- HATIM, B. e MUNDAY, J. *Translation: an advanced resource book*. London e New York: Routledge, 2004.
- HOUSE, J. "How do we know when a translation is good?" In: STEINER, E. e YALLOP, C. (eds.). *Exploring Translation and Multilingual Text Production: beyond content*. Berlin e New York: Mouton de Gruyter, 2001. p.127-160.
- HOUSE, J. *A Model for Translation Quality Assessment*. Tübingen: Gunter Narr, 1977.
- HOUSE, J. *Translation Quality Assessment: a model revisited*. Tübingen: Gunter Narr, 1997.
- JAWORSKI, A. e COUPLAND, N. "Introduction: perspectives on discourse analysis". In: JAWORSKI, A. e COUPLAND, N. (orgs.). *The Discourse Reader*. London e New York: Routledge, 1999. p. 1-44.
- KONDER, R. "Interpretação da Estrutura Temporal em *Eveline*: no original e na tradução". In: COULTHARD, M., CALDAS-COULTHARD, C. R. (orgs.). *Tradução: teoria e prática*. Santa Catarina: Editora da UFSC, 1991. p. 89-101.
- KRESS, G. *Linguistic Processes in Sociocultural Practice*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- MALINOWSKI, B. "The Problem of Meaning in Primitive Languages". In: OGDEN, C. K. e RICHARDS, I. A. (eds.). *The Meaning of Meaning*. London: Routledge e Kegan Paul, 1923. p.296-336.
- MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies: theories and applications*. London e New York: Routledge, 2001.
- NIDA, E. *Toward a Science of Translating*. Leiden, Holland: Brill, 1964.
- PEDRO, E. R. (org.). *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.
- RODRIGUES JÚNIOR, A. S. "Gender-bend(er)ing male identity: first steps in search of a critical-discursive approach to gay literature translation", *Cadernos de Tradução*, n. XIII, 2004. p.55-79.
- SPERBER, D. *O Saber dos Antropólogos*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- SPRADLEY, J. P. *The Ethnographic Interview*. Australia: Wadsworth Group, 1979.
- TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.
- VAN DIJK, T. A. *Ideology: a multidisciplinary approach*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage, 1998.
- VASCONCELLOS, M. L. B. de. "Retextualizing Dubliners: a systemic-functional approach to translation quality assessment". Florianópolis: UFSC, 1997. (Tese de Doutorado)

VENUTI, L. (ed.) *The Translation Studies Reader*. London e New York: Routledge, 2000.

WHORF, B. L. *Language, Thought and Reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge, MA: MIT Press, 1956. (Organizado por J. B. Carroll)